

Angústia: sombras de uma subjetividade incivilizada

Profa. Dra. Carmen de Fátima Henriques da MATTA*

Resumo:

Antonio Candido, em Ficção e Confissão, sugere que a personagem Luís da Silva, em Angústia, de Graciliano Ramos, seria a mais dramática da moderna ficção brasileira. A dor metaforizada no romance não seria somente de ordem psíquica; expressaria também causas objetivas oriundas de uma realidade sócio-histórica determinada por um meio, um tempo e um lugar. O desamparo que marca a trajetória do protagonista tem causas psicológicas e sócio-históricas atuando em concomitância; e a literatura intervém como mediadora dessa ambivalência. Motivações subjetivas da personagem imiscuem-se a aspectos civilizatórios, junção que resulta em uma existência infeliz no âmbito de uma comunidade e na integração com o mundo. Para elucidar esses pontos, fundamentais noções do ensaio O mal-estar na civilização, de Sigmund Freud, contribuem para nossa análise.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; literatura e psicanálise; romance; crítica e interpretação.

Aos amigos Douglas, Lu e Regina

Comentários Iniciais

Para se considerar Luís da Silva, em *Angústia*, a personagem mais dramática da história do romance brasileiro, precisaríamos rastrear outras personagens com a mesma carga de dramaticidade e, nesse sentido, o protagonista de *Dom Casmurro* torna-se paradigmático. Bento Santiago, criação do mestre Machado de Assis, possui uma forte presença conflituosa, mas seu desespero aponta para soluções mais racionalizadas, já que, supostamente traído, elimina seus fantasmas traidores – sua mulher Capitu e o filho Ezequiel – de forma calculada, assassinando-os de sua vida ao enviá-los para bem longe; prefere a companhia das sombras, que o inspiram a narrar sua história. Luís da Silva, por sua vez, não narra suas memórias na velhice, tentando “unir as duas pontas da vida”, como fez Bento. Luís narra as sombras fáusticas de seu presente, de seu tesouro, de suas perdas reais e simbólicas, da decadência de uma família patriarcal e proprietária de engenho, do abandono, da pobreza na cidade grande, das adversidades dos nordestinos, das vicissitudes das classes populares e dos quase-miseráveis. No lugar do cálculo perverso de Bentinho, tem-se um desvario alucinante de Luís da Silva. Porém, ambos os romances iniciam suas histórias ao se remeterem às “sombras” que emergem das recônditas cavernas memoriais: as perseguições fáusticas assombram Bento Santiago e Luís da Silva, exigindo deles um acerto de contas com suas escolhas ético-morais.

O desespero e a melancolia evocados nesse romance da década de 1930 suscitam também um diálogo com aspectos ainda muito pertinentes na atualidade – já levantados por Graciliano e sua geração de escritores modernistas. Com base nisso, pode-se dialogar com alguns caminhos tomados pelas ficções contemporâneas, em que medida estas expressariam uma subjetividade coletiva, em uma era considerada sem utopias, em um cenário marcado por múltiplas temporalidades, subtextos, fragmentação de sentidos, entre outras características deste primeiro decênio do século XXI.

* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Editora da *Revista Rio de Janeiro*. E-mail: carmendamatta@hotmail.com. Agradeço a Jane Brener, Psicoterapeuta Especializada em Psicologia Social, pelos fundamentais comentários técnicos. Dedico este trabalho aos amigos Douglas Lopes, Lu Morales e Regina Fernandes.

Um Luís da Silva qualquer: um ego de sururu

O título do romance, *Angústia*, não poderia ser mais apropriado. O enredo narra a angústia existencial e dilacerante em torno de uma vida e de seu melancólico curso. Luís da Silva, o protagonista, incorpora um sentimento desesperador e autodestrutivo, para o qual a felicidade não é possível, nem para um indivíduo, nem para uma coletividade. Um ser solitário com uma história sofrida de abandono e de perdas, que não consegue encontrar um caminho para manutenção de sua sanidade. Foi, então, vencido pelo tresvario, chegando às raias da loucura.

Torna-se elucidativo observar como se processou a subjetividade de Luís da Silva a partir de sua origem familiar. Neto de fazendeiro alagoano decadente, Luís da Silva foi criado por um pai autoritário até o início da adolescência. De suas turvas recordações, emergem a figura forte do avô e a continuidade dessa rudeza no pai. A degradação dessa estrutura familiar de base patriarcal pode ser evidenciada pela trajetória dos nomes: Trajano Pereira de Aquino Cavalcanti e Silva é o nome do avô, que sofre uma redução para o do pai: Camilo Pereira da Silva; e o seu, ainda mais reduzido, transforma-se em Luís da Silva: “um Luís da Silva qualquer”, é o que diz de si mesmo. Recorda que sua família era composta pelo avô moribundo, pelo pai, que se torna um pequeno comerciante, e ele, filho órfão de mãe. Remonta a essa fase de sua vida o núcleo de suas lembranças. Com a morte primeiramente do avô e, mais tarde, com a do pai, vê-se em completa solidão e abandono. Enfrenta, com isso, muitas dificuldades: miséria, mendicância, humilhações, dormindo nas ruas e praças, implorando empregos e favores. Essa vivência lhe gera uma grande revolta, um profundo ódio e desprezo pela humanidade.

Percebe-se a ausência da figura materna na vida e na memória de Luís da Silva. Procuramos, no decorrer da narrativa, indícios de sua mãe; todavia, eles são praticamente inexistentes. Suas recordações da infância remetem ao avô, ao pai, à avó demente, à empregada da família, mas há um saliente silêncio sobre sua mãe.

As teorias psicanalíticas consideram que a falta materna ou dificuldades no relacionamento mãe-criança podem trazer sérios danos emocionais ao indivíduo. Privilegiando a importância da relação inicial com a mãe e os cuidados adequados, que são absolutamente necessários para o desenvolvimento saudável da criança-bebê, percebe-se no romance a ausência materna, não se sabe se por morte, doença ou negligência, o que parece ter comprometido emocionalmente Luís da Silva.

A personagem, narrada em primeira pessoa, apresenta-se com a idade de trinta e cinco anos e se autodefine de forma pejorativa, como “um pobre-diabo”; “um filho do nordeste, perseguido pela adversidade”; “um sertanejo, um bruto, um selvagem”. Trabalha como funcionário público – “médíocre” – e diz ser um ávido leitor de romances – em geral ruins: “Os livros idiotas animam a gente. Se não fossem eles, nem sei quem se atreveria a começar”. Para aumentar sua escassa renda, escreve e vende textos para outras pessoas assinarem. Declara não ter sonhos, nem mesmo crenças, sequer utopias; leva uma “vida de sururu”, uma vida estúpida. Embora com uma formação escolar rápida, ela foi sólida, o que lhe deu domínio da língua portuguesa e o capacitou para a escrita e redação. Atormentado por sua mente perturbada por um jorro de pensamentos contraditórios, leva sua vida desvitalizada, sem expectativas, morando em um bairro de periferia de Maceió, que fica no “fim da linha do bonde”. A viagem do trabalho para casa tem o tempo preenchido por imagens do cotidiano da cidade mescladas às lembranças remotas, de “defuntos antigos” que o importunam.

O movimento angustiado impõe-se com permanência no desenrolar do enredo: passado e presente misturam-se, chocam-se, imagens que fazem retornar à infância emergem confundidas aos cenários do dia-a-dia do amanuense, que, em meio a *flashes* memoriais, observa ruas, paisagens e pessoas no trajeto de ida e volta para a repartição, colocando a temporalidade da narrativa em suspensão. A história não é linear, ao contrário, há uma consciência que transborda seu fluxo sobre o leitor, em rápidas estratégias, às vezes até com abruptas reviravoltas.

Mais adiante, se esclarece o motivo do desencadeamento desse afluxo de pensamentos persecutórios imiscuídos a fantasmas antigos: Marina. Mulher fútil e imatura, mas que despertou nele sonhos de ser um pequeno-burguês, de casar e de constituir família. Porém, é traído pela jovem, que o troca por Julião Tavares, figura esta que suscita náuseas em Luís da Silva e que lhe desperta um

ódio visceral, justamente por representar seu extremo oposto, tanto social, intelectual quanto pessoalmente. João Tavares é um homem bem-sucedido economicamente, alegre, galante, sedutor, bem apessoado superficial e prosaico; não concebe qualquer aprofundamento existencial nem mesmo enfrenta profundos dilemas como os de Luís. Com este episódio de traição, poderíamos propor que aflora em Luís da Silva, depois de abandonado por Marina, uma espécie de loucura agônica, resultante de um processo mental forjado provavelmente lá atrás, na infância órfã de mãe.

Segundo FREUD (1969), a angústia resulta de uma excitação sexual reprimida; é um prazer frustrado, que não se resolve. Torna-se difícil descrever essa sensação incômoda. Contudo, como a maioria de nós de algum modo já a vivenciamos, pontualmente ou por um período mais longo, em situações de dificuldades, traumáticas, tais como as de morte, de perda de pessoas amadas, de separação, sabe-se que é uma sensação de medo vaga, sem explicação. Como afirma GAIARSA, seguindo as orientações freudianas, a angústia é “uma excitação no vazio”, “uma energia da alienação amorosa” (1999, p.11 e 21), que impossibilita uma montagem de cena daquilo que se quer realizar. Tem como causa experiências dolorosas que dificultam forjar elaborações das vivências. A dificuldade concentra-se justamente em elaborar o passado no presente.

O desfecho da história – assassinar seu rival Julião Tavares – demonstra que Luís da Silva parece não ter vivido de maneira saudável as etapas essenciais para uma auto-organização interna que propiciasse o controle das emoções e um bom relacionamento entre as realidades subjetiva e objetiva. Totalmente dominado por suas emoções, sua libido não atua de maneira equilibrada sobre seu eu no mundo. Há um confronto entre aceitação e recusa dessas realidades.

Podemos interpretar, desse modo, que os conteúdos das vivências de Luís da Silva não passaram por uma elaboração amadurecida. Sucessivos sofrimentos e perdas e a falta materna impediram a construção de referenciais outros que pudessem evitar fixações de estruturas simbólicas primitivas, o que resulta em uma personalidade semelhante a de um psicótico, com parâmetros éticos e morais que vão de encontro aos atos civilizacionais, às práticas comunitárias, aos vínculos coletivos.

Luís da Silva faz silêncio quanto à mãe. Isto evidencia a existência de um abissal “borrão biográfico”, expressão de FREUD (1969), pois, sem a presença da mãe, impedindo a criança de possuí-la como objeto erótico, na passagem do Complexo de Édipo, não foi possível a construção de uma individualidade diferenciada para atuar no mundo. Luís da Silva é, desse modo, só libido, puro desejo que não se realiza, que tem de se reprimir; a dor em ação, plena de angústia. A tragédia edípica, por mais difícil que seja, representa, paradoxalmente, um dado de libertação do homem, uma possibilidade de tomada de consciência de si diferenciando-se do outro, de uma dimensão temporal, questões imprescindíveis para uma vivência em sociedade. Em linhas gerais, FREUD (id.) sistematiza as etapas de formação do caráter, que seriam determinadas pelas fases oral, anal, fálica, anal-fálica, edípica e de puberdade (cf. GAIARSA, 1999), e cada etapa dessas configuraria uma referência fundamental para o sujeito e, se mal elaborada, as consequências podem ser devastadoras. Dessas dificuldades de elaboração podem advir fixações que comprometem a relação eu-mundo.

Além da ausência materna, cuja presença poderia garantir uma dose de amor para equilibrar seu percurso existencial, o autoritarismo paterno golpeia sua espontaneidade infantil e prejudica seus vínculos com os outros: “sempre brinquei só”, admite Luís da Silva. A falta da figura materna, ou um corte prematuro dessa vinculação tão profunda, somada ao autoritarismo do pai e do avô parecem ter dificultado o crescimento e o processo de integração de seu *verdadeiro self*, comprometendo sua criatividade, consigo mesmo e com o ambiente. Um vínculo cuidadoso, intenso, profundo – que, para ele, poderia ter sido Marina – talvez colaborasse para corrigir parte das funestas consequências dessa falha inicial, trazendo esperança, crescimento e integração. Tanto é que, quando se apaixona por Marina, repensa toda sua vida e almeja mudanças mais significativas, busca uma adequação maior na profissão, melhora sua aparência, faz economias para casar e ter uma família. Luís da Silva tentaria experimentar um enlace de confiança, de entrega e acolhimento, refazendo laços e criando outras possibilidades de viver, que substituíssem sua “vida de sururu”.

Outra consequência desse tipo de repressão do pai autoritário sobre o filho frágil são sintomas que se manifestam em Luís da Silva, ora pela obsessão por limpeza, ora pela rigidez nas relações, ora pela avareza, ora pelo certo-errado, ora pela mania de perseguição, ora pelo asco ao prazer. Para ilustrar um desses sintomas, selecionamos a passagem que se segue, na qual se denota que, ao mesmo tempo em que se sente atraído, causa-lhe ódio observar pessoas se amando:

Dois minutos depois estamos sentados num banco da Praça Montepio. Aqui há sossego, não vêm cá certos indivíduos impertinentes. O que me desgosta é ver de relance, nos bancos do centro, que a folhagem disfarça mal, pessoas atracadas. Sinto furores de moralista. Cães! Amando-se em público, descaradamente! Cães! Treme de indignação. Depois esmoreço: julguei distinguir entre as folhas dos crôtons o vulto de Marina. Foi ilusão, mas a imagem permanece. Cachorrada! (RAMOS, 2003, p. 23)

Surgem vários sintomas nesse tipo de personalidade, originados por passagens dolorosas, gerados eminentemente pela falta de amor em sua vida. Esta ambivalência revela a precariedade afetiva de Luís da Silva, que também desconsidera a mulher, desferindo contra ela termos desqualificadores: “sirigaita”, “lambisgóia”, “mulherzinha”, “piranha”, “guenza”, “frívola”, “franguinha”. Para ele, “as mulheres não são de ninguém, não têm dono”. Contraditoriamente, ele concebe, por meio de um lampejo de racionalidade que escapa de sua lógica angustiada, que uma mulher poderia neutralizar esse fluxo de pensamentos ambíguos e por isso mesmo alimenta o sonho de se casar com Marina e galgar uma vida mais ordenada, menos largada. Seus momentos de lucidez corrosiva levam-no a ter noção do desafeto que marcou sua existência quando diz que: “O amor para mim sempre fora uma coisa dolorosa, complicada e incompleta...”.

Foi justamente um desses raros instantes de serenidade que o fez segurar desesperadamente a chance, digamos assim, de se salvar de tantas fantasmagorias, pelo casamento com Marina, mulher por quem não tem qualquer afinidade intelectual, mas que desperta nele uma atração física animal. A mulher para ele move-se como uma galinha. Seu erotismo acaba marcado por fantasias psicóticas, tal qual a que se segue:

Veio-me um pensamento maluco de que tinham dividido Marina. Serrada viva, como se fazia antigamente. Esta idéia absurda e sanguinária deu-me grande satisfação. Nádegas e pernas para um lado, cabeça e tronco para outro. A parte inferior mexia-se como um rabo de lagartixa cortado. Mas eu não reparava na parte inferior, que tanto me perturbava: recebia as faíscas dos olhos azuis e desejava enxugar com beijos a saliva que umedecia os beijos um pouco grossos da minha amiga. Estava linda. (RAMOS, 2003, p.57)

Marina não é vista em sua integralidade, mas toda fragmentada. Luís da Silva não consegue conceber o mundo como uma totalidade, nem as pessoas como um outro íntegro; as pessoas são objetos parciais para ele. Talvez, por essa fragmentação mental, Luís da Silva pudesse ser diagnosticado como um psicótico, pelo fato de ele se relacionar com os outros não como pessoas inteiras, não como objetos integrais, mas como partes de objetos, na mesma medida em que ele próprio também não atingiu um estado de integração que lhe proporcionasse ser uma pessoa inteira, com um eu integrado. O outro, para ele, é percebido como um objeto parcial, desejado para satisfação de suas necessidades específicas, amado quando lhe traz prazer e odiado quando o frustra, sensações estas análogas às de uma criança. Essa forma de pensar e sentir se expressa em sua relação não apenas com Marina, mas também com as pessoas em geral.

Na perversão, o objeto é visto também como parcial, mas o eu consegue atingir um grau maior de integração, sendo que o fetiche do perverso funciona como um objeto que pode ser criado, manipulado, submetido, descartado, tratado com ternura, e que, perdido para sempre, continua sendo buscado.

Com base em algumas das essenciais noções de WINNICOTT (1987) nesse sentido, pensaríamos em Luís da Silva como um *falso self* mal-sucedido, que enfrenta um caos interior, sem conseguir ser o funcionário exemplar e submisso que transparece no comportamento do *falso self* bem-

sucedido. O provável corte na relação primária com a mãe comprometeu o processo de integração do *self* e lhe deixou com um sentimento de descrédito nos vínculos afetivos.

Escravidado por essas sensações contraditórias, desenvolve um sentimento obsessivo por Marina, em quem deposita tudo: seus sonhos de ser um homem mais sociável – e até mesmo suas economias. Entretanto, a decepção não tarda: Marina envolve-se com o simpático e rico Julião Tavares, que reunia tudo o que ele não tinha. Soma-se, assim, à sua história traumática mais um recalque para a sua “virilidade espezinhada”, como sugere CANDIDO (1992, p. 38). Projeta, então, sobre o adversário Julião Tavares todo o ódio, toda a raiva, porque, ao lhe levar Marina, escapa-lhe a oportunidade de sair da escravidão recalcada de que era vítima. Por conseguinte, matar seu concorrente tornou-se uma obsessão; não tinha mais forças para recalcar sentimentos tão vitais. Seu passado presentificava-se em mais um desafio. O impulso de matar, então, toma conta de Luís da Silva, que não consegue promover uma sublimação, deixando a mente alucinada se sobrepor àquela que atuava paralelamente – a que lhe fazia ser um sujeito aparentemente adaptado e submisso (*falso self*), cumpridor de suas obrigações sociais –, deixando-se dominar por seus impulsos primários. Quando realiza a vingança, matando aquele que furtou sua possibilidade de se tornar um homem menos perturbado, é tomado por uma sensação de felicidade nunca antes experimentada:

O corpo de Julião Tavares ora tombava para frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim. A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me. Pessoas que aparecessem ali seriam figurinhas insignificantes. (RAMOS, 2003, p. 186)

A animalidade – a doença – vence a luta contra a humanidade – a razão – de Luís da Silva que, antes de praticar o homicídio refletia: “Fiz um esforço desesperado para adquirir sentimentos humanos”, pensamento este que é seguido pela lembrança do matador sertanejo José Baía, figura dócil na aparência, mas assassino de profissão, e por isso respeitado.

Em trinta e cinco anos haviam-me convencido de que só me podia mexer pela vontade dos outros. Os mergulhos que meu pai me dava no poço da Pedra, a palmatória do mestre Antônio Justino, os berros do sargento, tudo virou fumaça. Julião Tavares estrebuchava. (RAMOS, 2003, p. 186)

Luís da Silva, ao assassinar Julião Tavares, acerta as contas com sua história, com as humilhações vividas, com seu sofrimento, deixando sua verdade (*verdadeiro self*) submergir com toda a plenitude. Este instante é sublime para Luís da Silva; diante do corpo do concorrente, é plenamente feliz, porque encontra e experimenta sua verdadeira essência. Tudo isso se passa no final da narrativa, quando se refaz de seu delírio, tentando recuperar os recentes acontecimentos em sua vida. Nesse momento, há um misto de lembrança que se confunde com uma relevante experiência sensorial: “Minha mãe me embalava cantando aquela cantiga sem palavras. A cantiga morria e se avivava. Uma criancinha dormindo um sono curto cheio de estremecimentos”. (Id.ib., p. 213) Emerge, em meio a esse caos de pensamentos, uma fundamental lembrança da figura materna, simultaneamente a uma necessidade de recomposição de suas idéias que toma conta de seu corpo e mente, deixando-o completamente sem energia, resultado dos desgastantes desvarios que se repetem ciclicamente em sua vida.

Essa abissal falta da mãe reflete-se também no convívio do protagonista com a casa e seu simbolismo. FREUD (1997, p.43) afirma que “a casa para moradia constituiu um substitutivo do útero materno, o primeiro alojamento, pelo qual, com toda a probabilidade, o homem ainda anseia, e no qual se achava seguro e se sentia à vontade”. Luís da Silva, mais uma vez, parece não ter vivido este sentimento de proteção:

Ocupado com várias coisas, freqüentemente esqueço o essencial. Que, para mim, a casa onde moramos não tem importância grande demais. Tenho vivido em numerosos chiqueiros. Provavelmente esses imóveis influíram no meu caráter, mas sou incapaz de recordar-me das divisões de cada um deles.[...] Afinal, para a minha história, o quintal vale mais do que a casa. (RAMOS, 2003, p.36)

O conforto uterino tão essencial à estruturação de uma pessoa exerce pouca influência sobre Luís da Silva, como se pode deduzir. O acolhimento materno não foi para ele suficiente, não se sabe o porquê. O quintal passa a ser seu espaço de referência e de afeto; é no quintal que se apaixona por Marina e reflete sobre o enlace que não se realiza. Como um porco, habita em chiqueiros, reafirmando sua animalidade. A casa representa para Luís o lugar da rejeição e do não-acolhimento. Esta identificação com chiqueiros, de se sentir um porco, expressa seus sentimentos de desvalorização, de menos valia e de exclusão. Todo seu percurso vai redundar em uma imagem de si extremamente negativa: “Além de tudo sei que sou feio. Perfeitamente, tenho espelho em casa”; “Enquanto matutava nestes absurdos, olhava-me no espelho: um cara besta”.

Essa falta de parâmetros afetivos maternos que pudessem estimular uma auto-estima em Luís da Silva parece ser, desse modo, o motor de seu desnorio. Em permanente processo de confusão mental e desespero, ele engendra a sua loucura. Não existiram raízes para solidificar sua personalidade de uma maneira mais salutar. A relação com o mundo é sobreposta permanentemente por uma simbologia fálica – cobra, corda, cigarro – que não dá lugar a uma sublimação para se poder estar minimamente confortável em meio a uma comunidade. Tanto é que praticamente não tem amigos nem elos. O normal de Luís da Silva é sua angústia, seu desespero, que de modo ambivalente nega e afirma sua humanidade.

A realidade da normalidade humana seria o não-desespero? Como vimos com Luís da Silva, a normalidade diante das vicissitudes da realidade pode levar sim ao desespero, já que nem sempre a síntese entre o real e o virtual equilibrando a existência é possível. O desespero é inerente à natureza humana e, em atuação, afirma a existência. “A superioridade do homem sobre o animal está pois em ser suscetível de desesperar”, diz-nos KIERKEGAARD (1979, p.197). Contrariando parte do que afirmamos antes, nossa personagem, portanto, teria sua humanidade afirmada pela sua capacidade animalesca de desesperar. Contudo, teríamos de exercer novo raciocínio interpretativo e teórico para aprofundar este aspecto: de que a humanidade se afirma mais pelo desespero do que pela racionalidade.

Ausência de Deus e o mal-estar no mundo

*Trazei imagens de horas juvenis,/ Sombras queridas vagam no recinto;
Amores, amizades, ressurgis/Do olvido como um conto meio extinto;
Renasce a dor, que em seus lamentos diz/ Da vida o estranho, errante labirinto.
Evoca os bons que a sorte tem frustrado,/ E antes de mim, à luz arrebatado.*
(GOETHE, *Fausto*)

O termo “sombras”, filosófica, literária e ontologicamente, comumente se associa a Goethe. Sua aura tornou-se peculiar em termos de literatura brasileira, especialmente por meio de um dos romances mais importantes de nossa literatura, o célebre *Dom Casmurro*, no qual as sombras têm papel memorial importantíssimo e detonam o enredo. Em *Angústia*, igualmente, as “sombras” serão simbolicamente essenciais para a composição do entrecho e logo de início o narrador faz menção a elas: “Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas *sombras* permanecem, *sombras* que se misturam à realidade e me produzem calafrios”. (RAMOS, 2003, p. 5) [grifos nossos] Graciliano RAMOS incorpora em sua ficção uma noção de angústia que se assemelha ao conceito freudiano sintetizado por GAIARSA (1999, p.21): “[a angústia] provém de impulsos reprimidos nas sombras do inconsciente”. Essas sombras que pairam logo no começo do romance indicam que nos deparamos com impeditivos para a conquista da felicidade.

As sombras nos remetem à questão goetheana, do pacto de Fausto com o Diabo, do embate entre o Bem e o Mal. No caso de Graciliano RAMOS, este pacto pode ser interpretado como um dilacera-

mento do homem moderno diante de si mesmo, uma atualização do drama fáustico reeditado como um conflito entre consciente e inconsciente, entre ego e superego, entre eu e mundo, entre metafísica e materialismo histórico. Deus e as supostas forças malignas no auge e no crepúsculo da modernidade estão mortos, são fatos consumados; a era do individualismo concentra no próprio homem a dualidade divindade-malignidade, em atuação concomitante, ora prevalecendo uma, ora outra. A morte de Deus, decretada sobretudo por Karl MARX com seu materialismo histórico e pela filosofia trágica de NIETZSCHE, penetrou no ideário da modernidade de forma inexorável. Cabe ao homem enfrentar sua existência, livrar-se dos valores morais fincados na religião, o que, por um lado, o liberta, mas, por outro, deixa-o sem os paradigmas que o alicerçavam e lhe davam esperanças. Essa dialética marcada pelo medo da orfandade de Deus e pela libertação dos rigores do divino enfrentada pela subjetividade moderna configura o núcleo do desespero humano, de sua esperança-desesperança.

A “dialética da fé” está em curso na alma do homem moderno, tempo em que a História dará à religiosidade um outro lugar, e irá até mesmo subordiná-la. O homem vai impor sua própria capacidade de estabelecer julgamentos, de exercer sua atividade psíquica plenamente, pela produção de conhecimento, pelo avanço das ciências, pelo progresso. Tem-se um prevalecer da existência.

Sigmund FREUD, em *O mal-estar na civilização*, reflete sobre o “sentimento oceânico” que caracteriza a religiosidade, essa peculiaridade humana de origem totêmica, que alimenta os mortais de uma sensação de eternidade e que lhes garante um vínculo indissociável com o mundo externo. Sentimento este que FREUD afirma jamais ter experimentado, mas ele admite a força dessa “magia da ilusão” sobre os homens. A origem desse “sentimento oceânico” seria para ele obscura e se vincularia ao “princípio do prazer”, à busca da felicidade.

Nesse sentido, *Angústia* narra o percurso de uma personalidade infeliz, de uma formação de ego recalcada e presa a uma dor condicionada a impulsos primitivos. Luís da Silva é de origem nordestina, “raça vagabunda e queimada pela seca”; a realidade externa, social, de pobreza e de miséria, não o comove; sua alma é áspera como a terra; a quem a religião, tão presentificada no imaginário e nas práticas sociais do seu povo, não entenece: “O espírito de Deus boiava sobre as águas”.

Luís da Silva não tem crença nem religiosidade, mas não canaliza sua revolta para uma transformação social, como faz um de seus raros amigos, Moisés, judeu e ateu, que procura convencê-lo das injustiças e conscientizá-lo para a luta revolucionária, postura e ideais que Luís rejeita e despreza. Precisaria primeiro refazer o percurso em direção ao seu crescimento, desenvolver-se na condição de sujeito a partir dos cuidados e estímulo de um outro *suficientemente bom* (cf. WINNICOTT), para, então, reconhecer o outro como sujeito (e não como objetos parciais) e reconhecer-se como sujeito com direitos e com capacidade de brigar por eles.

A luta de classes, em seu sentido tradicional marxista, é tematizada em muitas passagens de maneira enfática por Luís da Silva, nos debates com seu amigo Moisés e nos percursos pelos bairros pobres de Maceió, em confronto com o estilo burguês dos empresários. Os miseráveis, para Luís da Silva, semelhantes a ele mesmo, não são gente. Descreve a pobreza como uma situação sem solução: os pobres são concebidos como porcos no chiqueiro dos capitalistas. Para ele, não há esperanças, já que o vazio e a pobreza interna determinados pela falta inicial deixam-no desesperançado de qualquer mudança, de si e do mundo, sem qualquer estímulo para lutar, para se engajar numa causa pela transformação da sociedade. O jargão “Proletários, uni-vos!”, tão significativo para os movimentos revolucionários, é ridicularizado porque vem grafado sem vírgula e sem o traço que antecede o pronome: “Quereriam fazer uma revolução sem vírgulas e sem traços?”, indaga, sem se atentar para o conteúdo da frase, preso que está às insignificâncias de seu cotidiano, ao seu sofrimento psíquico. Um projeto maximalista de revolução não tem sentido a um ser tão desesperançado e triturado por si mesmo. Sem religião, sem adesão a utopias, sem vida amorosa, sem perspectiva profissional, recusando-se a utilizar suas boas tendências de escritor, o poder do indivíduo se sobrepõe; e a coletividade passa a ser um estorvo nojento. Luís da Silva torna-se um ser que não se adapta ao mundo civilizado, escravizado que está às suas enfermidades psicóticas.

Segundo FREUD (1997), a civilização de fato nos causa sofrimento porque requer a recusa desses impulsos primitivos individuais; porém, ela fornece, paradoxalmente, as condições para superar esse mesmo primitivismo. O processo civilizatório gestou a família, o Estado e as instituições

coletivas que determinam regras e regulamentos para se viver em sociedade. Distinguímo-nos da natureza e somos capazes de destruí-la ou protegê-la, e isso é ser civilizado. Porém, precisa-se restringir a liberdade individual para se viver em comunidade. É o preço que se paga para sermos humanamente humanos.

Nosso Luís da Silva não encontra prazer na civilização porque sua estrutura familiar é originalmente decadente e se fragmenta; ele não consegue reconstruí-la na convivência com outros afetos. A religião não lhe toca a sensibilidade; as instituições, no caso as brasileiras, que foram organizadas na base do clientelismo, do nepotismo, lhe despertavam revolta; o meio social próximo à pobreza propiciava um relacionamento comunitário muito promíscuo, o que estimulava emoções muito contraditórias entre dirigentes e cidadãos. As leis, criadas para garantir justiça para todos, não tinham valor no mundo sertanejo de Luís, mundo subordinado à força econômica dos ricos, dos capatazes, dos cangaceiros, dos matadores.

Do romance podemos extrair diversos indicadores do contexto social do Nordeste, na década de 1930. Atuaria paralelamente a uma ordem oficial uma outra ordem, empírica, específica de uma cultura, que competiria e às vezes se imporia sobre aquela. Seriam duas propostas civilizatórias em concorrência. O sertanejo seria impelido a aceitar as duas, o que levaria a um estrangulamento da cidadania. A justiça assumia várias faces; a lei não seria para todos. O misticismo tão característico da cultura nordestina incorporaria essas contradições. Como o indivíduo deveria se situar diante dessas regulações opostas? Haveria os que conseguiriam – a maioria estrangulada; mas haveria os que não se adaptariam: ou vagariam pelo mundo, ou cometeriam atos amorais, ou perturbariam a ordem pública, ou cairiam na mendicância; talvez para manterem um rastro de liberdade. A loucura atinge justamente àqueles indivíduos que não suportam o poder externo sobre o interno; que não admitem qualquer restrição a sua liberdade.

Nessa ambivalência liberdade do indivíduo e civilização, Luís da Silva é vencido justamente pela sua impossibilidade de integração consigo mesmo, estendendo aos outros indivíduos essa sua dificuldade; por isso não consegue atuar em comunidade, a não ser obrigado e contrariado. Sem religião, sem ideologia, sem utopia, sem esperança, dominado por uma subjetividade instintiva reafirmada pela frustração diante da cultura recebida, não consegue ser um homem civilizado, ainda que pudesse exercer a liberdade de se revoltar contra essa civilidade imposta pela luta de classes, pelos ricos sobre os pobres, em busca da construção de uma outra ordenação mais favorável à coletividade. Para se viver em sociedade temos de nos conformar com leis impostas pela cultura, com suas regras civilizacionais, mas essa adaptação torna-se possível quando existe um sentimento interno de liberdade, conquistado quando se vive em um ambiente inicial que fortaleça a gestação de uma individualidade sadia, que favoreça um desenvolvimento saudável do eu, sem que um ego inicial tenha de estar reagindo constantemente às invasões, o que provoca desequilíbrio e ameaça a continuidade do ser. Com Luís da Silva não existe liberdade de ser; existem tentativas de sobreviver, entre as quais sua aparente submissão a um *status quo*. Ele se considera civilizado porque tem um emprego público, uma formação escolar razoável, por atuar em jornais, por ler romances, civilidade esta que não garante sua lucidez ou sua adequação à coletividade, com um comportamento “adaptado”, submisso do *false self* (cf. WINNICOTT).

As três causas essenciais de infelicidade para FREUD (1997) seriam a decadência e a dissolução do corpo, as exigências do mundo externo e os relacionamentos com os outros homens. Todas elas estão representadas em *Angústia*. A felicidade é impossível para Luís da Silva. Seu corpo não consegue controlar a dor; ao contrário, é a dor potenciada. O mundo externo lhe causa náusea, ódio, nojo; não há na comunidade ser humano digno de admiração, subordinado que está a leis contraditórias, à exploração, à pobreza, às injustiças. O relacionamento com o outro caracteriza-se por pura frustração e desgosto. Resta-lhe, então, o refúgio em sua subjetividade triturada e a rejeição ao mundo. Sem a experiência do amor, sem a ilusão da religiosidade, sem utopias, sem a “suave narcose” das artes, Luís da Silva condiciona-se aos sentimentos que mais conhece: o desespero, a dor, o pessimismo e a desesperança. Sombras que configuram “borrões” de sua memória, num jogo de ambivalências determinado por mudanças abruptas de uma ordenação familiar, por fragilidades na

constituição de sua afetividade, por traumas e impotências de sua existência, aprofundados por contingências sócio-econômicas adversas que marcam a vida do homem sertanejo.

Considerações Finais

Angústia traz alguns elementos estéticos comuns aos romances contemporâneos, se tomarmos como pontos de comparação algumas ficções mais recentes, tais como as de João Gilberto NOLL, de Rubens FIGUEIREDO, de Bernardo CARVALHO. Em geral, esvaziadas de utopias, são ficções que narram imagens entrecortadas de situações limítrofes, muitas vezes em *flashbacks*, cujos narradores são vozes perturbadas, cujas consciências escorregam em seus fluxos de pensamentos contraditórios, para as quais a vida aparece como um amontoado incessante de cenas que não se concatenam. Há personagens solitárias, sem família, sem vínculos sólidos, que vagam pelas cidades levadas por seus desvarios. O romance estrutura-se sob uma narração condicionada à consciência em seu fluxo, cuja temporalidade é nebulosa. Sabe-se, ao final, que o narrador-personagem está sobrevivendo a um surto psicótico, em meio ao qual realidade factual e imaginação se confundem. Quando o “verniz da civilização” é deixado de lado, a proteção que sustenta o homem é fragilmente rompida e o que aparece é a desintegração, ou melhor, a falha na integração. O olhar assume um papel preponderante, resgatando cenas do cotidiano como se fossem passadas por uma câmera de filmagem que mostra cenários em ruínas, que representam o próprio mundo interno esfacelado da personagem. Há um entrecruzamento de imagens que evocam modos de existência diversos, que não se instauram, que não se integram, que não interagem. Por esses fatores estéticos, apesar de *Angústia* ser um romance moderno em termos de literatura nacional, há características que se assemelham às narrativas que se inserem em uma “modernidade tardia” (HALL, 2003); o próprio hibridismo do texto, que fica no limite entre ficção e uma “autobiografia virtual” (cf. CANDIDO, 1992), o diferencia do realismo clássico do modernismo brasileiro, repleto de propostas utópicas e ideológicas. O narrador transborda sua substância sobre o mundo e, análogo a uma subjetividade contemporânea, a consciência se apresenta de forma estrangulada, produzindo um homem mórbido, voltado para seus subterrâneos. *Angústia*, porém, mantém-se como um romance moderno, porque a crítica de cunho social – os fatores éticos – tem relevância. O autor denuncia a depravação dos valores, o modelo capitalista explorador que gera uma “gente acuada, bloqueada, esmagada pela vida”, nas palavras de CANDIDO (Id., p. 35).

Finalmente, Graciliano RAMOS não enuncia os problemas vinculados à dor humana impune. A dor, tanto para FREUD quanto para nosso romancista, é uma faceta interna que se vincula a uma esfera maior, externa, que é a vida em seu curso na busca pela felicidade; que, para ambos, parece ser impossível. Talvez a saída para que Luís deixasse de ser um “Silva qualquer” estivesse não em alcançar a felicidade, mas sim na manutenção da capacidade de buscar a felicidade, o que seria possível se existisse uma utopia que mantivesse vivo nele um desejo de transformação de seu lugar no mundo e do próprio mundo. *Angústia* é um romance que pode colaborar para um profícuo debate com a ficção contemporânea por levantar uma suspeita em relação ao discurso utópico, construindo-se mais como representação, como simulacro de uma realidade que cada vez mais se confunde com o virtual. Além disso, incorpora o “outro”, o “fora”, as subjetividades forjadas pelo processo histórico (cf. FOUCAULT, 1978), abrindo espaço para expressão de outras singularidades – trituradas, cruéis, resultantes de uma sociedade com preceitos ético-morais muito fragmentários e desnordeadores. Embora não aponte um caminho, essa literatura de Graciliano RAMOS recusa a normalidade esquizofrênica do capitalismo consumista e alienante.

Referências Bibliográficas

- BASTOS, Hermenegildo José. Destroços da modernidade. In: *Revista Cult*, n. 42, jan. 2001, p.52-55.
BOSI Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1987.
CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
_____. *Formação da literatura brasileira*. 2v. Rio de Janeiro; Belo Horizonte; Itatiaia, 1993.

- FOUCAULT, Michel. O círculo antropológico. In: _____. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.505-530.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. *A interpretação de sonhos*. 2v. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1900].
- GAIARSA. *O que é angústia*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- KIERKEGAARD. *O desespero humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.187-279.
- _____. *Tremor e temor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979b, p.107-185.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.
- MATTA, Carmen de F.H. da. Representações da casa em *Senhora e Dom Casmurro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1998.
- PINTO, M. C. Graciliano Ramos e os cárceres da linguagem. In: *Revista Cult*, n.42, jan., 2001, p.45-51.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S.Paulo, 2003.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.